



# OBRA DE DEUS

A Londres de 1952 traz uma história de grande aprendizado para os dias de hoje. Naquele ano, a cidade foi invadida por uma densa fumaça tóxica, conhecida como *The great smog of London* — episódio bem retratado na série *The Crown*, da Netflix —, que fez ao menos quatro mil vítimas fatais.

A capital inglesa era abastecida por termoelétricas a carvão de péssima qualidade, com alto grau de enxofre. Devido ao clima frio, à ausência de vento e a um anticiclone, a fumaça invadiu a cidade, causando uma das maiores tragédias ambientais do país. Questionado por desconsiderar alertas dos meteorologistas e por insistir na manutenção de uma política energética baseada no carvão, o primeiro-ministro Winston Churchill disse algo parecido com: “É o clima! É passageiro! Não há o que fazer! É a vontade de Deus!”.

O episódio terminou com grandes debates sobre políticas de controle de poluição e com a emissão do *City of London (various Powers) Act*, de 1952, e o *Clean Air Act*, de 1954.

Dois terços de século depois, outro chefe de Estado despreza a ciência e revigora a indústria de combustíveis fósseis, além de dizimar a Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos (Environmental Protection Agency - EPA) e destruir a legislação sobre mudança do clima. Em poucos meses, Donald Trump nomeou Rex Tillerson, ex-CEO da ExxonMobil, como secretário de Estado; tirou das cinzas o oleoduto Dakota, obra cancelada pelo presidente Barack Obama e que cruza o território sagrado dos Sioux; e reativou o gasoduto Keystone XL no qual é transportado petróleo da provincial Alberta, no Canadá, para refinarias em Illinois e no Texas. Enquanto isso, a Organização Mundial da Saúde (OMS) relata que 1,7 milhão de crianças com

menos de 5 anos morrem todos os anos por problemas ligados à poluição ambiental.

Diferentemente de Churchill, Trump acusa não o algoz divino, mas uma conspiração chinesa para minar a soberania americana. A América deve ser grande de novo, e o meio ambiente — além dos chineses — é o principal obstáculo. Enquanto assistimos a um expressivo desinvestimento em óleo e gás no mundo e um crescimento exponencial das fontes renováveis, é difícil acreditar que a recente aproximação entre Estados Unidos e Rússia não passe por negócios com petróleo.

A onda conservadora que deteriora direitos socioambientais não se restringe ao Hemisfério Norte. No Brasil, assiste-se à simplificação do licenciamento ambiental por meio da redução do tempo para avaliação de projetos, da impossibilidade de embargo de empreendimentos, da dispensa de licenciamento para algumas atividades, da não obrigatoriedade de consulta às populações, entre outros retrocessos.

Igualmente preocupante é a situação da demarcação de terras indígenas, colocada em questão por medidas como a PEC 215 e a Portaria 80/2017, que transferem e relativizam poderes da Fundação Nacional do Índio (Funai) em favor de outras instâncias. Recentemente, o órgão responsável por proteger os direitos indígenas sofreu ainda corte de 20% em seu corpo técnico, atingindo especialmente a coordenação que supervisiona o licenciamento de grandes empreendimentos e os impactos sobre essas terras. Em meio a tantas más notícias que ameaçam os direitos fundamentais das gerações de hoje e do futuro, mais do que nunca é preciso acreditar na humanidade. Não só indignar-se, mas engajar-se em debates, estimular a busca por alternativas. Churchill rezaria, Donald *tweeta*. Para nós, o que resta é agir.

É PRECISO ENGAJAR-SE  
EM DEBATES E  
BUSCAR ALTERNATIVAS  
NAS QUESTÕES  
SOCIOAMBIENTAIS.  
CHURCHILL REZARIA,  
DONALD TWEETA. PARA  
NÓS, O QUE RESTA É AGIR.